

O deus que pode ainda nos salvar

RONALDO PELLI *

RESUMO A entrevista com o filósofo alemão Martin Heidegger publicada em *Der Spiegel* após sua morte tem um título que extrapolou as páginas da revista alemã: “Só um deus pode ainda nos salvar”. A enigmática frase é dita neste testamento intelectual dentro da discussão da técnica moderna. Tal tema se transforma em uma das mais importantes questões heideggerianas, se não a mais, para o pensamento filosófico que ele desenvolve após a Segunda Guerra Mundial. O objetivo deste trabalho é tentar, em primeiro lugar, contextualizar a célebre sentença, traçando os limites para como ela pode ser pensada. Em seguida, observar como deus também é afetado pelas requisições históricas da técnica, para, ao fim, sugerir como a noção de sagrado, região ontológica do divino, pode apontar novas possibilidades dentro do modo de ser contemporâneo. A investigação vai tentar mostrar que apenas um deus que não participe da razão calculadora da técnica nos poderia indicar outros caminhos históricos.

PALAVRAS-CHAVE Heidegger, deus, técnica, modernidade, quaternidade.

ABSTRACT *The interview with philosopher Martin Heidegger published in Der Spiegel after his death has a title that surpassed way beyond the pages of the German magazine: “Only a god can still save us”. The enigmatic sentence is quoted in this intellectual testament amid the discussion of the modern technicity. Such topic becomes one of the most important questions for Heidegger – if not the single most important – to the philosophical thinking he developed after the Second World War. Initially, we will try to contextualize his famous sentence, drawing limits of how it can be thought. Following, it will reckon how god is also affect by the historical requisitions of technicity. Finally, this research will suggest how the notion of the sacred, the ontological region of the divine, can direct new possibilities of being within the contemporary era. This investigation will attempt to show how just a god that does not take part into the calculating reason of the technicity could possibly indicate other historical paths.*

KEYWORDS Heidegger, god, technology, modernity, quaternarity.

* Mestre em Filosofia
pela PUC-Rio
ronaldopelli@gmail.com

E, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

In “A terceira margem do rio”, Guimarães Rosa.

A FRASE “Já só um deus pode ainda nos salvar”¹ é provavelmente uma das sentenças mais famosas de Heidegger, principalmente se considerarmos que foi o título de uma entrevista publicada em uma revista de grande circulação na Alemanha por ocasião da morte de seu autor². Entrevista esta que, com o passar do tempo, foi republicada no mundo inteiro. Desde o primeiro momento, a frase recebeu diversas interpretações que tentaram captar o que Heidegger poderia ter querido dizer – e é possível perceber esse assombro já com a reação dos próprios entrevistadores. A frase parece tão cotidiana, de uma familiaridade tão grande que mesmo quem não tem muito contato com a extensa obra do filósofo alemão arrisca uma leitura. O caso é mais comum em outras versões, quando ela é encurtada para “Só um deus pode nos salvar”, tirando as palavras que servem para nos lembrar de sua particularidade. Nessa oportunidade, pode até parecer que Heidegger estaria largando de mão todo o seu trabalho de mais de cem livros publicados para deixar como recado final – considerando que tal entrevista foi publicada logo após sua morte³ – um determinado tom pessimista. Estaríamos condenados a um destino de passividade. Só um deus pode nos salvar. Mas logo a primeira pergunta aparece: estamos condenados a quê? Do que exatamente deus nos salvaria? Para saber qual é o *perigo*, é indispensável conhecer o contexto da frase, a começar, prioritariamente, pelo entorno onde foi lançada. Não é possível entender a sentença sem conhecer as outras sentenças que estão ao seu lado; não é possível tentar enxergá-la com os olhos de Heidegger sem, ao menos, ver o restante da entrevista.

1 HEIDEGGER, 2009, p. 32.

2 A entrevista, apesar de ter sido feita em 1966, foi só publicada em *Der Spiegel*, de 31 de maio de 1976, uma semana após a morte de Heidegger.

3 A professora Irene Borges-Duarte, tradutora do filósofo para o português, chama a entrevista de “espelho equívoco”, “testamento filosófico” e diz ainda que há neste diálogo uma “missão testamentária”, além de ser uma “obra-prima de provocação e contenção, de descobrimento e encobrimento”. In BORGES-DUARTE, 2014, pp. 36, 163 e 165.

Ao longo de sua carreira, Heidegger demonstrou ou tentou demonstrar o quanto o Ocidente está inserido no envio do ser epocal da essência da técnica contemporânea, e, como isso, na opinião do filósofo, influencia todas as formas da política institucional, sejam elas as democracias, o comunismo, ou, em épocas anteriores à entrevista, o nazismo⁴. A técnica contemporânea faz com que, nos países industrializados e ricos, “tudo funcione”⁵ – e esse é exatamente o problema, para Heidegger. Porque “tudo funciona”, vivemos no automático, como seres autômatos que repetem as ações pré-determinadas. A essência da técnica contemporânea, todavia, não somente influencia a política, no seu sentido mais estrito, como ela é o modo de ser do nosso momento histórico.

Segundo Heidegger, todos os entes perderam a dignidade de serem o que são, sua potencialidade, sua gama de possibilidades, para se transformarem unicamente em fundos de reserva para alimentar a máquina técnica, que deve continuar a girar ininterruptamente. Isso torna os homens e até mesmo o planeta Terra em sua inteireza meros estoques que abastecem o sistema. O deus que pode ainda nos salvar deve então atuar num horizonte de abertura em que a técnica é o modo de ser dominante.

Nas interpretações mais apressadas, a frase serve, muitas vezes, como uma última cartada. Se o problema que estamos enfrentando é grande o bastante para nos tirar a esperança, temos alguém a recorrer: deus. Ele – e aqui Deus é definitivamente com letra maiúscula – vai nos salvar. Quase como uma resposta metafísica ao “Deus está morto”, de Nietzsche: um deus, um outro deus, que pode nos salvar. Contudo, entre os estudiosos da obra de Heidegger, a frase vai se desdobrando dentro de um determinado limite de temas, uma série de interpretações que podem ser mapeadas. Sabe-se que Heidegger não está falando de um deus presente, encarnado, um deus que voltará entre os homens. É um deus entre outros deuses, portanto não é um deus cristão, judeu, muçulmano, tampouco de qualquer denominação religiosa politeísta, tradicional ou mais antiga. Mesmo que Caputo, por exemplo, tenha feito um paralelo com o budismo, essa é apenas uma metáfora para o âmbito da reflexão que Heidegger defende⁶. Pois vivemos num mundo em que impera o “desendeusamento” como uma

4 HEIDEGGER, 2009, p. 26.

5 Ibid., p. 28.

6 CAPUTO, 1993, pp. 283-4.

das visões de mundo. Nada mais é sagrado. Os deuses fugiram. Temos que conviver com este luto, como diz Cláudia Drucker⁷, ou com essa saudade, como argumenta Irene Borges-Duarte⁸. Em ambos os casos, há o esforço de salientar a necessidade de manter essa figura “presente”, por meio da sua rememoração.

Deus é uma figura que está presente mesmo com a sua ausência. Uma figura “inútil”, já que não se encaixa nos parâmetros técnicos – daí, extremamente “útil”. Uma aparição extremamente paradoxal, que consegue reter os opostos em si, a ponto de Julian Young fazer uma comparação bastante heterodoxa para os estudos heideggerianos, principalmente fora do âmbito anglo-saxão: este deus que pode ainda nos salvar seria apenas um outro nome para o que Heidegger quis dizer com ser⁹. Não o ser do chamado “primeiro Heidegger”, quando o filósofo faz uma analítica existencial e tenta traçar o infinito mapa dos modos de ser que seriam essenciais a esse ente tão incomum como o *Dasein*; mas o ser que, nas obras a partir da década de 1930, foi grafado em várias oportunidades como “seer” (“Seyn”, em alemão), que é a questão do pensamento, a interrogação que se levanta, que é ao mesmo tempo o mais próximo e o mais distante, porque se vela, se esconde, porque nunca é apreendido, mas que ao mesmo tempo o homem é ainda e sempre o seu pastor. Em inglês, muitas traduções, como as feitas pelo próprio Young, usam a grafia de ser com a letra maiúscula, para ressaltar a diferença, e o que faz aproximar ainda mais de uma ideia de “Deus”. A associação entre ser e deus é mais uma tentativa de se falar sobre aquilo que não se pode falar.

Há várias e tradicionais críticas a essa comparação. Caso, por exemplo, de Ernildo Stein, que explica que essa confusão foi um dos alicerces da metafísica ocidental: a filosofia desde Platão é pensada como a junção do ser e de Deus, como onto-teologia¹⁰. Esta forneceu os fundamentos para que todo o edifício da metafísica se erga: deus é a explicação e a causa de todas as coisas, é a resposta para as dúvidas últimas. É fácil perceber que neste ambiente não estamos falando mais de um deus “divino”.

7 DRUCKER, 2009, p. 190.

8 BORGES-DUARTE, 2014, p. 26.

9 YOUNG, 2003, p. 211. A frase, no original em inglês, é: “[...] isn’t Heidegger’s ‘Being’ – particularly in view of the fact that it is written with a capital ‘B’ – actually just another name for God?”

10 STEIN, 2003, p. 160. Com mudança na grafia de “deus”.

O deus que pode ainda nos salvar não é o deus da ontoteologia, da metafísica, mas um deus cujo ser é o sagrado, diante do qual podemos dançar e nos ajoelhar, um deus que é numinoso, como argumenta o teólogo Rudolf Otto¹¹. Em todos os casos, independentemente de qual seja o seu “parentesco” (sendo um sinônimo para o *ser* ou não), há sempre a noção de que este deus não pode ser absorvido por um pensamento pré-estabelecido. Uma figura em fuga, sempre, que escapa de nossa compreensão, porque é a manifestação de outra forma de ser – e fuga, aqui, pensada como na música: deus é a figura de contraponto, ou, melhor dizendo, de fora do ponto, fora do esquadro. De uma outra maneira de encontrar um caminho novo, no meio de uma floresta, num mundo lotado de estradas já pavimentadas.

Na entrevista, os jornalistas parecem não entender bem o que Heidegger quis dizer com essa menção a deus e perguntam, então, o que o homem pode fazer para evocá-lo – talvez ainda influenciados por um costume de colocar o homem no centro das ações, mesmo em um caso que envolve o divino. É quando Heidegger responde que o homem não pode fazer nada para convocá-lo; rezar, dançar, fazer oferendas, sacrifícios, não pode fazer filosofia, não pode fazer nada humano para evocá-lo, nada. Seria, então, mais um motivo para se entender a tão repetida sentença como um pedido de socorro, como um atestado de desistência? Ao homem só bastaria sentar e esperar pelo fim, pelo momento em que deixaria de existir? Heidegger tergiversa: diz que não é porque o homem não pode convocar esse deus que ele deve fazer nada, em absoluto. Ao homem está ainda garantida a possibilidade de se viver uma vida em que se pode explorar as possibilidades de ser que se apresentam para ele. O homem pode preparar essa espera por esse deus ausente por meio do pensamento e da poesia¹², esses dois termos tão amplos e que em Heidegger têm ligações até mesmo mais fortes.

O pensamento, segundo Heidegger, não é a razão instrumental, a lógica que se baseia na matemática, que poderia ser substituído por uma linha de programação mais banal, um algoritmo repetitivo. O pensamento heideggeriano é a tentativa de refletir serenamente toda a complexidade da existência, do que há, do ser; de se deixar ser, sem a imposição da sua vontade. Um pensamento poético, que tem em Hölderlin sua maior inspiração. A poesia, um dos nomes da arte, que Heidegger já tinha citado

11 OTTO, 2014, pp. 38-9.

12 HEIDEGGER, 2009, p. 32.

quando abordava a essência da técnica moderna em seu ensaio mais famoso sobre o tema (“A questão da técnica”), como maneira de nos “salvar” do perigo¹³. Assim, o homem poderia, então, perecer, em vez de simplesmente deixar de existir. Ter uma vida digna quer dizer saber que viver é habitar o mundo como se habita a própria casa, não no sentido da familiaridade, mas no de se sentir em casa, acolhido, e perceber como as coisas são “sagradas” por simplesmente existirem.

Talvez não seja possível viver sempre reparando com atenção sobre todas as coisas que há, como aliás, Heidegger deixa bem claro em *Ser e tempo*¹⁴. O que acontece com a época em que a essência da técnica moderna é a forma de ser massificante é exatamente o oposto: nós sempre estamos repetindo os formatos e as obrigações pré-estabelecidas. Seja no trabalho, nas relações humanas e familiares, até nos momentos de lazer. São raros os casos em que podemos fazer algo com a tranquilidade, com *serenidade*. São poucas as vezes que podemos ser o que nós consideramos “nós mesmos”¹⁵.

Mesmo a universidade, um ambiente em que, em tese, estaríamos mais livres das obrigatoriedades de um modo único de ser, é absorvida por essa força técnica, transformando a produção acadêmica em uma função, um serviço que tem que se encaixar no escopo maior, respondendo a exigências de eficiência, de produtividade, de burocracias técnicas. Como Heidegger cita no polêmico discurso do reitorado de 1933, a ciência, em vez de ser ela mesma um modo de ser, se transformou em linha auxiliar de abastecimento da técnica moderna: só responde às questões que lhe são impostas, com fins úteis, para que a máquina continue funcionando perfeitamente¹⁶.

É nesse contexto, de um mundo em que há um modo de ser dominante, opressor, que retira todas as dimensões dos entes em geral e os enxerga da mesma e única forma (como peça integrante de uma indústria eterna), que Heidegger diz a frase. É só então afirma que apenas um deus mudaria nosso modo de ser em relação a essa situação.

13 Id., 2002, p. 31.

14 Cf. Quarto capítulo da primeira seção da obra.

15 Heidegger, respondendo a um verso de Rilke que pergunta “Quando, porém, *somos* nós?”, diz que “quando somos de tal modo que o nosso ser é canto, e nomeadamente um canto tal cujo cantar não soa por qualquer lado, sendo antes um cantar veraz cuja ressonância não se fixa a algo finalmente alcançado, mas sim que se destroça já na própria ressonância para que se essencie apenas o próprio cantado”. In HEIDEGGER, 2012a, pp. 363-364.

16 HEIDEGGER, 1985, p. 1.

A escolha de deus não parece aleatória, um deslize cometido por um entrevistado pressionado. Primeiro, porque Heidegger parece bem à vontade com o diálogo, a ponto da conversa ser chamada de “maiêutica invertida”¹⁷. Além disso, apesar de ser uma produção oral razoavelmente espontânea, Heidegger tinha a prerrogativa de corrigir os originais antes de sua publicação – e foi o que ele fez, por exemplo, quando trocou uma expressão abrupta, “bater as canelas”, por outra mais formal, “perecer”, o que reforça o quão à vontade ele estava no encontro. Ele poderia ter trocado a palavra deus, poderia ter trocado a frase. Não obstante, além de não trocar nada, ele volta a falar de deus ao longo do restante da entrevista. A famosa frase não é a única menção ao divino. Ele queria dizer deus e disse deus.

Também contribui para esse entendimento saber que o tema não é exatamente ausente em sua obra. Ao contrário. Heidegger é o pensador do ser, como diz o consenso, mas muitos comentadores conseguem fazer quase uma arqueologia das menções do divino e do sagrado em sua produção. Gadamer chega a afirmar, inclusive, que o tema de deus é um dos principais impulsionadores de seu pensamento¹⁸; já Caputo vai ainda mais fundo, alegando que grande parte da sua produção, de uma forma ou de outra, seria uma resposta para questões ligadas à teologia (entendida aqui no sentido mais amplo possível)¹⁹. Se deus não foi um nome aleatório tirado da cartola de Heidegger para aplacar os ânimos de jornalistas em busca de uma manchete sensacionalista, caímos em outro problema para decifrar essa menção. Qual deus é esse?

Deus é um nome que Heidegger cita de muitas formas em sua longa produção textual: último deus, deus divino, deuses em fuga, a morte de deus; os deuses, as divindades, os imortais... estes últimos, por exemplo, são as tentativas de tradução para o português de *die Göttlichen*, uma das quatro regiões da quadratura heideggeriana, ao lado de terra, céu, e homens ou mortais. A quadratura seria a nova definição de Heidegger, num momento posterior de sua trajetória, do que seria o mundo, mas o mundo pen-

17 BORGES-DUARTE, 2014, p. 7.

18 Cf. GADAMER, 1994, pp. 182-3. Caputo (1993) identifica onde, exatamente, essa citação aparece em Karl Löwith: “The Political Implications of Heidegger’s Existentialism”, *New German Critique*, 45 (1988): 117-34, em 121-2; e lembra que a carta mesma pode ser encontrada: D. Paperfuss and O. Pöggeler, eds., *Zur philosophischen Aktualität Heideggers*, vol. 2: *Im Gespftch der Zeit* (Frankfurt: Klostermann, 1990).

19 CAPUTO, 1993, p. 270.

sado aqui de maneira sagrada. Uma combinação desses quatro pontos, antagônicos, complementares, que se mantêm em tensão constante. A quadratura seria uma sugestão para mudar nossa forma de pensar o mundo em que sempre estamos já arremessados, e o encararmos como a combinação desses fatores, que trazem intrinsecamente uma complexidade para todos os elementos que há. Mas, mesmo com essa explicação, ficamos com a mesma dúvida: que deus, entre tantos deuses, é este que pode ainda nos salvar? Mesmo que esses todos sejam ligeiramente diferentes entre si, todos têm algo em comum: são sagrados.

Dentro do sagrado, deus é a marca que contraria o princípio da (não) contradição. Ele é algo e é a sua oposição, juntos, em constante e infinito conflito, que jamais se resolve. Melhor: entre um e outro, ele é algo completamente fora da lógica binária. Ele é um terceiro componente, que não estava previsto na equação, a terceira margem do rio. Ele é uma incógnita. Um elemento surpresa. O totalmente outro.

Percebe-se uma constante nas interpretações sobre este deus que pode ainda nos salvar. Se a técnica é um arcabouço metafísico, um sistema que tem uma explicação para todas as coisas, que dá uma resposta sobre o que há e explica que essa coisa existe para ter um fim útil para a própria engrenagem continuar a funcionar, de uma maneira que todo o processo se retroalimente, ela – a técnica – não é a única forma de as coisas existirem. Deus aparece na entrevista não como um contraponto à técnica, mas como um ponto fora da curva; ou melhor, em um mundo de planos espaciais, deus não é um ponto nem uma curva: aparece como um elemento completamente diferente. É como se o mundo da técnica enxergasse o mundo somente em duas dimensões – profundidade e largura, por exemplo – e esse deus mencionado seria algo que aparece na terceira dimensão, na altura, como uma ave. É um outro, um completo e totalmente outro, que não partilha das mesmas regras que foram apresentadas e são seguidas sem contestação: ele tem regras próprias. É um acontecimento apropriador, um envio do ser historial, uma dobra na trajetória do tempo, que muda ou pode mudar o fluxo das coisas. É o caos inicial que pode dar em um novo cosmos, o magma que sai dos vulcões que formará novos terrenos ao endurecer.

É, portanto, uma posição otimista de Heidegger? Certamente não. Nada garante que esse deus volte, venha, exista, apareça. Não temos qualquer certeza se uma falha dessa natureza pode acontecer no sistema da técnica contemporânea, a ponto de criar

um curto-circuito. Além disso, como dito inúmeras vezes, o homem não pode fazer nada para que esse deus apareça, com a exceção de preparar essa espera que pode ser longa, curta, ou durar toda a sua vida. Podemos, no máximo, travar uma hipótese: se os homens resolvem se comportar de maneira a encarar o mundo como se ele fosse sagrado, em que cada uma das coisas tivesse sua nobreza intrínseca respeitada, se nós nos preparássemos para essa espera por meio de um pensamento poético, sereno e reflexivo, se, enfim, deixássemos todos os entes simplesmente ser, sem requisitá-los para o maquinário que atualmente faz o mundo girar com velocidade crescendo exponencialmente, poderíamos supor que um deus apareceria e nos salvaria dos perigos da essência da técnica contemporânea.

Talvez deus nem precisaria aparecer, vivendo sob a égide do pensamento e da poesia, deus já seria, já estaria entre nós. Enquanto isso não acontece, podemos, ao menos, almejar uma morte respeitável, após uma vida vivida em que preparamos essa espera, em que encaramos a complexidade das coisas, em vez de diminuir todos os entes.

Ao fim, talvez percebamos que jamais teremos certeza de qual foi a intenção de Heidegger ao pronunciar tal frase – e talvez tal intenção, assim, livre de seus contextos não exista, nem deva existir. Talvez percebamos que ser polissêmica, ter uma possibilidade infinita de interpretações é o que a linguagem pode ser. Algo que o termo deus, aliás, carrega tão bem quanto quase nenhum outro.

REFERÊNCIAS

- BORGES-DUARTE, I. *Arte e técnica em Heidegger*. Lisboa: Documenta, 2014.
- CAPUTO, J. D. “Heidegger and theology”. In: *The Cambridge Companion to Heidegger*. Cambridge: Cambridge University press, 1993.
- DRUCKER, C. “‘Tarde demais para os deuses’: Três características de uma perspectiva ser-historial sobre a religião”. In: *Nat. hum.* [online]. V.11, n.2, pp. 181-202. Fev de 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200006&lng=pt&nrm=iso. Último acesso: 12 Nov. 2015.
- GADAMER, H.-G. *Heidegger's ways*. Tradução para o inglês de John W. Stanley. Albany: State University of New York Press, 1994.

HEIDEGGER, M. *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis e Bragança Paulista: Ed. Vozes e ed. Universitária São Francisco, 2002.

_____. “*Já só um deus nos pode ainda salvar*”. Entrevista concedida por Martin Heidegger a revista alemã *Der Spiegel* publicada no número 23, de 1976. Tradução e notas de Irene Borges-Duarte. Covilhã: LusoSofia:press, 2009. Último acesso em <http://www.martin-heidegger.net/Textos/SPIEGELcomnotas.pdf>.

_____. *Caminhos de floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Sylla, Vítor Moura, João Constâncio. Lisboa: Gulbenkian, 2012a.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis, Campinas: Vozes, 2012b.

_____. “The Self-Assertion of the German University and The Rectorate 1933/34: Facts and Thoughts”. In: *Review of Metaphysics*. N. 38, v.3. Mar. 1985. Disponível em: https://archive.org/stream/MartinHeidegger-TheSelfAssertionOfTheGermanUniversity1933/HeideggerMartinTheSelf-assertionOfTheGermanUniversity_djvu.txt. Último acesso: 21 Jun. 2016.

OTTO, R. *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 2014.

STEIN, E. “O abismo entre ser e deus (A diferença ontológica recusa a diferença teológica)”. In: OLIVEIRA M. e ALMEIDA C. (org.). *O deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

YOUNG, J. *The death of god and the meaning of life*. Londres, Nova York: Routledge, 2003.